

Brincadeira de Bruxinha

A primeira coisa que a identificava era o chapéu roxo em bico, não muito alto, de aba bem larga. Tinha uma fita verde alface à volta, a qual combinava com a capa da mesma cor e que usava por cima do vestido roxo como o chapéu. Os sapatos, com as suas grandes fivelas amarelas, não enganavam ninguém. Era a bruxinha Obimi que saltitava alegremente à roda da panela preta de ferro, aquecida pela fogueira pequena que ardia por baixo dela. Dentro da panela, um líquido azul, engordurado aqui e ali por tons de amarelo, já começava a fazer umas bolhinhas que iam rebentando à medida que outras apareciam – “ploc!... ploc!... ploc!”.

O local que Obimi escolhera para fazer as suas bruxarias era um pequeno sítio sem árvores, mas logo envolvido a toda a volta por uma enorme floresta. Uma floresta que podia ser um problema para quem lá passasse porque nunca se sabe quando alguma bruxa resolve fazer uma maldade.

Enquanto a nossa bruxinha cantarolava à volta da sua panela, no cimo de uma árvore, dois esquilos olhavam para baixo muito atentos ao que se passava. Do outro lado, vários passarinhos pousados pelos ramos também olhavam, mas pareciam um pouquinho ansiosos, mexendo as patitas de um lado para o outro.

Tudo parecia bem. No entanto, acabado de chegar e escondido silenciosamente atrás de uma árvore, um homenzinho minúsculo com cerca de 30 cm de altura, também seguia os movimentos da bruxinha Obimi. Pelo aspeto adivinhava-se quem seria. Primeiro, pelo seu gorro

verde com a ponta em bico um pouco dobrada, as suas orelhas compridas, nariz grande e barbicha. Depois, a sua pequena túnica de um bege acastanhado sobre as calças justas da mesma cor. Finalmente, os sapatos de pano também verde, estreitos e pontiagudos. Não havia qualquer dúvida – só podia ser um duende! Um sorriso de maldade encheu-lhe a cara, de orelha a orelha.

Os duendes são seres muito bem dispostos e brincalhões. Gostam de pregar partidas às pessoas, porém de maneiras diferentes. Quer dizer, quando são pessoas boas, pregam-lhes partidas engraçadas que não fazem mal. Mas quando são pessoas más, pregam-lhes partidas maldosas.

O duende apanhou um pequeno ramo caído atrás dele e continuou escondido. Aproveitando o momento em que a bruxinha passava do outro lado da fogueira, esticou-se e empurrou o ramo para junto da panela. Voltou a esconder-se bem atrás da árvore. Assim, quando Obimi passou outra vez a saltitar do lado de cá, pumba!, tropeçou no pau e caiu no chão. Nesse momento, o duende saiu do esconderijo e correu em direção à bruxinha. Saltou para cima das costas da pobre coitada e desatou aos saltos em cima dela, gritando:

“Toma lá! Toma lá! Julgavas que escapavas?” e continuou aos pulos, “És má! Bruxa má! Vou dar-te uma lição!”

“Para, para, por favor”, pediu Obimi estatelada no chão, “Eu não sou má, não sou, a sério...”

Surpreendido, o duende parou de saltar, espreitou a cara da bruxinha e perguntou:

“ Não és?!”

“Não, não sou. Mas se saíres de cima de mim, posso explicar-te...”
respondeu.

Pequenino como era, o duende deu um pulinho para o lado e Obimi pôde levantar-se. Esfregou os joelhos doridos, sacudiu o vestido, limpou a cara, e finalmente apanhou o chapéu que voltou a colocar na cabeça. Como o duende era minúsculo não a tinha magoado muito.

“Bom, agora já podemos falar”, disse ela. “Sabes, nem todas as bruxas são más. Também há as que fazem bruxarias boas!”

“E tu és uma delas, estou a ver...”, adiantou interessado o duende.

“Sou. Se reparares bem, eu ainda nem sou uma bruxa a sério. Chamo-me Obimi, sou uma bruxinha pequena, tenho só sete anos, e por isso ainda só faço bruxarias de brincadeira!”

“Aaaaah...”, engasgou-se o duende um pouco aflito. “Isso eu não sabia. Nos sítios onde estive só tenho encontrado bruxas más... Peço-te mil e duas desculpas pelo que fiz.”

E com isto, fez uma vénia aparatosa, bem à maneira dos duendes, sempre exagerados e convencidos nos seus gestos. E continuou:

“O meu nome é Zefer Eol Kutnic... Apenas Zef para os amigos! E ao contrário de ti, minha pequenina Obimi, tenho apenas 376 anos!” E sorriu, transmitindo agora um sentimento de amizade. “Mas diz-me, qual é então a bruxaria que estás a fazer?”

A bruxinha esclareceu:

“Vou mostrar-te. Isto aqui na panela está quase pronto. Como vês, estas bolhas que estão a aparecer são cada vez maiores, apesar de

rebutarem. Mas vamos esperar mais uns minutos e vais ver o que acontece.”

Zef deu uns saltinhos de contente e bateu palmas, muito ansioso pelo que iria sair dali.

Tal como a bruxinha dissera, dali a pouco deu-se o encantamento. Uma primeira bolha cresceu, cresceu, cresceu, e sem rebentar desprende-se do líquido na panela, transformando-se numa enorme bola colorida que subiu no ar. Logo de seguida, mais bolas de imensas cores se formaram, subindo e descendo, flutuando levemente no ar, criando um momento de magia naquele bocadinho de floresta.

“Estas são as minhas bolinhas de ‘sabão’. Só que não são de sabão”, explicou a bruxinha Obimi. “São feitas a partir de uma fórmula mágica que aprendi no meu livro ‘Pequenas Bruxarias para Pequenas Bruxas’!”

Zef estava encantado com aquele espetáculo e prometeu aparecer de vez em quando para visitar Obimi e assistir às suas brincadeiras fantásticas.

Entretanto, acima deles, a animação era muita. Imensas bolas transparentes que andavam de um lado para o outro, criavam um efeito lindo, com os raios de sol que passavam entre as árvores a torná-las ainda mais coloridas. Os esquilos saltitavam de tronco em tronco para empurrar as que se aproximavam e os passarinhos que tinham esperado pacientemente, agora esvoaçavam a tentar acertar nelas e rebentá-las para ficarem todos salpicados com as mais variadas cores.

Foi uma tarde divertida na floresta.